

SÃO ROQUE, OBALUAIÊ E AS CHAGAS SOCIAIS

Durante todo mês de agosto, e mais entusiasticamente no dia 16, é festa na Bahia... É festa em Salvador! A Estrada de São Lázaro, no bairro da Federação, acolhe milhares de pessoas. Neste dia o santuário católico dedicado a São Roque e São Lázaro é palco de uma das mais formidáveis invenções do povo: o sincretismo! Todos os soteropolitano vestem-se de branco e são acolhidos pelo “povo de santo”: negros, brancos, homens, mulheres, velhos e crianças intercedem ao “velho Obaluaiê e Roque” que os ajudem a vencer as doenças do corpo e da alma. Batuques, preces, rezas, axés, banho de pipoca, força e fé se misturam às vozes altas, ao samba e à cerveja. Dizem que é “coisa da Bahia”: festa religiosa e profana, festa popular... Dizemos que é riqueza do povo, em todos os quadrantes da história, em todos os “lugares do mundo”: é jeito do povo lutar e resistir.

Roque, antigo padroeiro dos cardadores (fiadores), tem sua vida misturada à lenda e desde o século XV é invocado contra a peste e as doenças contagiosas (cólera, varíola) na Europa e na América. Obaluaiê, mestre das almas, é vodun Gege conhecido por Sapatá. Senhor das doenças e da morte, detem os três tipos de sangue (vegetal, mineral e animal) ou axés e faz refletir sobre o valor da vida humana e o quanto ela é frágil.

No dia 16 de agosto, o povo vem até “ele” (Eles), Senhor dos domínios misteriosos, Orixá das chagas, praticante das caridades, velho sabedor das mazelas humanas. Nossa prece é pra “ele” também vir até o povo, manifestar-se, subir, incorporar-se e olhar compassivamente para as chagas do nosso corpo social: tem riqueza e, no entanto, falta pão, falta casa, falta saneamento básico, investimento em saúde pública e educação, falta coragem política para fazer uma reforma agrária pra valer, falta tudo que é política pública, faltam políticos públicos, falta água (“*tá fogo!*”) e vai acabar faltando ar.

Faltam todas estas coisas, mas sobram desfaçatez e cara de pau, restos de biografias, corrupção e engodo, indecisão e indefinição política... sobram pedaços não alinhavados de um projeto político. O negócio é escrever (no agir-refletir-agir) o que sentimos, saber o que vimos, vemos e rezamos, na difícil tarefa de caminhar junto às cicatrizes, aos cortes, às feridas, aos sintomas e às doenças que teimam em permanecer e se propagar neste corpo social, especialmente o brasileiro, baiano e soteropolitano.

ALGUNS SINTOMAS, BREVES EXEMPLOS

Uma convicção parece já estar contida aqui: a sociedade atual está doente. A nossa pretensão é de transformar o fato social em coisa, em chagas, doenças e patologias. Penetrar na natureza mesma sociedade e no que ela vem produzindo como regras, formas, coerções, ideologias, estruturas e normas. Continuar tentando, sim; não acreditar no positivismo destes fatos, alertar para quem faz o quê, o que é e quem detém o poder, mas, principalmente, saber a serviço de quê ou de quem está a sociedade doente. Até porque, para haver doença, tem que haver alguém dito “curado”! Sabemos, então, que trabalhar o sentido da doença requereria ter “uma espécie de saúde”, “o normal”.

Transportar isto para a sociedade atual, “durkheimiando” um pouco, é se contrapor muitas vezes à visão fatalista, que nomeia a doença como algo “normal”: “não tem jeito”, “sempre foi assim mesmo”, “não se pode mudar o mundo”, “transformar nunca”... Enquanto isso, os sintomas vão piorando e o que parece ser o histórico de uma gripe ganha forma de peste, epidemia, surto, câncer... As feridas, o sangue, as lágrimas e as dores parecem sempre caber para um determinado “tipo social”. A causa, ou as causas, podem vir daquele “tal tipo normal”, pode então ser a busca de um tipo de saúde nos moldes capitalistas, que fica distante da grande maioria da população brasileira. E a cura, como todo médico recomenda às pessoas em estágio terminal, está, principalmente, nas últimas forças de luta, fé e paciência dos pacientes. Dar carne às feridas e exemplificar os fatos requer o olhar específico para uma população. E, neste sentido, o caso brasileiro vem mostrando níveis e estágios de doenças que demandam de São Roque e Obaluaiê longos panos e muita palha pra cobrir as chagas!

SINTOMA 1

Dizem os especialistas que, no Brasil, um dos sintomas do “vírus da segurança” (o primeiro “tipo normal” a ser tratado aqui), pasmem, é a morte.

Morte, não para todos; “lógico!”. As chagas estão sempre direcionadas, miradas, para um determinado tipo: jovens, negros e moradores de bairros populares de periferia urbana. Este vírus é transmitido através de balas, tiros, rajadas, “chumbo grosso”... que entra pelas costas, baço, cabeças, coração, esfacela os neurônios (já marcados por outros vírus depois aqui relatados), causando morte imediata e, quando não, se mata de “qualquer outra forma!”. Alguns dos agentes hospedeiros, no caso o “agente hospedeiro intermediário”, percebam, quase sempre também são negros, também são pobres, nem tanto jovens, mas homens que também têm outras doenças sociais: são grupos de extermínios, formados por policiais civis, militares... Já os agentes transmissores, aqueles que transmitem “a informação” para o ataque do hospedeiro intermediário, são geralmente os comerciantes dos bairros populares, a classe média e/ou a burguesia, que desenvolvem o “protozoário paranóico” denominado “segurança”, fazendo com que os agentes fiquem sempre ao seu serviço. Com certeza este fato requer um olhar para a patogenia, ciência que estuda as transmissões das doenças, chagas, vírus, bactérias...

A cura ainda parece distante da sociedade brasileira, mas alguns antídotos estão sendo testados. E tratar destes tipos de doenças requer outros tipos de instrumentos daqueles utilizados pelas ciências químicas ou biológicas. Transformar-se em remédio, incorporá-la ao próprio corpo e fazer da chaga, também, sua vida, é algo que não nos remete somente aos Santos. Então, “*vamos ajudar São Roque e Obaluaiê!*”. Um breve exemplo: foi lançada em Salvador, em maio desse ano, a campanha “*Reaja ou será morto! Reaja ou será morta!*”, puxada por um conjunto de organizações dos movimentos negros. Iniciada com uma “Vigília pela vida” em frente à Secretaria de Segurança Pública, reuniu cerca de setecentas pessoas de diversas instituições e movimentos sociais.

Esta campanha, “um possível soro”, objetiva denunciar a violência racial contra a população negra de Salvador, tendo como meta combater a propagação da chaga que são os grupos de extermínio e o número de assassinatos. Através dela, alerta-se a sociedade para os efeitos da doença e se lança mão das chamadas políticas de prevenção: um manual de sobrevivência do negro em Salvador e na Região Metropolitana, incluindo informações sobre os direitos das populações negras, que resposta dar no momento do ataque, picada, perigo... Foi igualmente entregue aos governos federal, estadual e municipal um documento contendo todos os dados e estatísticas referentes aos assassinatos e atitudes racistas contra as populações negras da Bahia. O quadro preocupa e esta epidemia começa a atingir também as mulheres negras, jovens e moradoras de periferias dos centros urbanos.

SINTOMA 2

Outro breve relato de sintoma das doenças sociais pode ser remetido à análise das políticas de habitação ou à forma de habitar popular no Brasil. Nem é preciso lembrar aqui novamente que existe uma proposta de “normalidade habitacional”, sugerida pelo “tipo normal”, que não contempla a grande maioria do povo brasileiro. São projetos habitacionais autoritários, subumanos, com “casas-embriões”, que expulsam o povo para fora da “cidade normal”, a suposta cidade sadia. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2004 trazem à tona a propagação da “doença habitação popular” na cidade de Salvador: *“A cidade tem 650 mil domicílios e 400 mil estão em áreas carentes. (...) Déficit de 100 mil unidades, 80% delas no setor mais pobre. (...) Existe apenas 20% de área disponível no município para habitação”*. Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), em seu **Relatório Direito à Moradia no Brasil**, *“dentre os brasileiros diretamente afetados pelo déficit habitacional, 97,2% não têm acesso ao crédito. A mesma porcentagem dos diretamente afetados possui uma renda inferior a cinco salários mínimos por mês. 40% do déficit habitacional se encontra no Nordeste. Pelo menos 6,5 milhões de pessoas vivem em favelas”*. Outra constatação: os sintomas da doença são percebidos na mesma população, negros e negras das classes populares, desempregados em sua maioria (outra doença), moradores e moradoras das periferias urbanas.

Neste caso, que não é específico, tem-se como agente hospedeiro, transmissor, parasita, verme... a especulação do capital turístico e imobiliário, os donos das terras urbanas e o poder público. A contenção de gastos em políticas públicas básicas é determinada por uma política econômica vinculada ao capital nacional e internacional, um dos canais que faz com que tal doença se espalhe. Um outro, mais especificamente direcionado ao caso da Bahia, pode ser estudado através das ações do Governo do Estado, o qual prioriza o projeto de uma cidade e um estado voltados à indústria do turismo (dito remédio para tudo e muitas vezes veneno na prática), onde praticamente não há espaço para as políticas sociais.

Pensar no Pelourinho, na Costa de Sauípe, nos Projetos Náuticos, é saber (ou não saber) para onde vão os habitantes destes pólos com a chegada da “saúde”, da “assepsia”, das “revitalizações”. No caso da habitação, os remédios caseiros e a sabedoria popular fazem com que se criem, na medida do impossível, as estratégias de sobrevivência: “ocupar, construir e resistir”. Organizar movimentos sociais de luta por teto, associações de bairros, federações, comis-

sões, conselhos de moradores e pressionar sempre os órgãos públicos é também pensar a cidade, pode ser este o caminho! Viver sendo deslocado e/ou expulso de seus habitats vem ajudando na construção das “não cidades”, isto é, de locais distantes do centro, sem transporte, escolas, segurança. Para os que, além de contrair da forma mais cruel e desumana o vírus desta doença, ainda foram surpreendidos pelo desemprego, alcoolismo, drogas, mortes, desabamento e expulsões, sobram as ruas, calçadas, pontes e marquises.

SINTOMA 3

Os batuques, banhos e preces continuam a todo vapor na Igreja de São Lázaro durante o mês de agosto. As chagas e feridas também continuam a se espalhar, crescer e derramar sangue. 2005 está sendo o ano em que outra doença, já bem conhecida do povo brasileiro, volta com força total, agora em Brasília: a corrupção. A conjuntura política da chamada “crise do Governo Lula” é a continuidade do projeto da classe dominante brasileira. A crise coloca à tona os valores doentios desta sociedade burguesa: classista, racista, machista, clientelista e injusta. O alcance do poder a qualquer preço (nem que seja colocado dentro de uma cueca) remete a um tipo de vírus e de chagas que requerem uma análise do nosso modelo capitalista de desenvolvimento.

As declarações públicas do presidente interino do Partido dos Trabalhadores (PT), Tarso Genro, mostram o tamanho da ferida e da infecção. Sua posição é de que *“a destruição ou a diluição do partido pode levar a uma desesperança radical e aguçar de maneira irracional os conflitos de classe do Brasil, uma radicalização dos confrontos de classe. As pessoas que eventualmente queiram destruir o PT devem pensar muito bem quais as consequências disso para a história do país”*. Pronto recado dado e podendo ser traduzido como: burguesia, não mexa conosco, pois somos a chance de segurar os doentes, de não espalhar o anormal e as anomalias, de segurar o patológico onde eles sempre devem estar, engessados nos salários mínimos ridículos, sem reforma agrária, urbana, sem emprego...

Diante desta realidade, os movimentos sociais e populares desempenham um papel fundamental e, outra vez, aparece a sabedoria popular. Produzir leituras críticas e agir de forma articulada, respeitando as diferenças e buscando uma aproximação estratégica pode servir como vacina. A aposta na emancipação, tendo como pano de fundo a desigualdade social, pode servir de slogan de pomada antiinflamatória, que alivia as pancadas do dia-dia. O poder, as mudanças, transformações, antídotos e curas, já sabemos, não vão ser alcan-

çados elegendo o presidente. Sabe-se que o cenário é definido pelo “vírus do poder a qualquer custo” que contamina o governo e a oposição. Obaluaiê tem que pedir ajuda a Xangô e Ogum, guerreiro da justiça, ferreiro-mor, para não só curar mas derramar o sangue neste chão que o Diabo passou.

A CAMINHADA

E continua a caminhada, a subida do morro de São Lázaro, as passadas por essa estrada. O couro do atabaque está esticado, os agogôs tintalam nos ouvidos e o dendê já ferveu. O cheiro de pipoca pisada é sinal de que os banhos estão revigorando o que resta ao povo, a própria fé. Roque e Obaluaiê estão aí para mostrar que, de branco, de palha, continuamos doentes. Perceber, porém, que neste leito ainda há espaço para o samba, sorriso, dança, alegria, capoeira, afoxé, é saber que aquela pessoa que é dita patológica, chagada e doente... é sadia, é força e cura. Obaluaiê usa seu *xaxará* (pequeno feixe de piaçava ou de palha da Costa) e limpa a Terra de todas as doenças e pragas! São Roque olha os doentes, remete para eles a reflexão de que a cura da doença pode estar com eles próprios. Povo, continue crescendo com suas próprias forças, lutem, organizem-se em movimentos, articulem-se e mostrem para o “tipo normal”, “saudável”, que é ele que se encontra doente. Caminha, canta, samba e dança e faz da conjuntura histórica elemento de ruptura.

CADERNOS DO CEAS